

MEMÓRIA[S] E DISCURSO: O “ABC BAILÃO” COMO ESPAÇO DE ENCONTRO E RESISTÊNCIA NA CIDADE DE SÃO PAULO.

Cleyton Antônio da Costa
Universidade do Vale do Sapucaí
cleytoncac@yahoo.com.br

O presente estudo pretende analisar os discursos presentes no “Documentário Gay - ABC Bailão” que foram produzidos por frequentadores da danceteria ABC Bailão, localizada na cidade de São Paulo. Nosso corpus de análise é formado pelo documentário intitulado “Documentário Gay – ABC Bailão em SP” produzido pela PALEO TV, com direção e roteiro de Marcelo Caetano. Na busca de refletir e analisar os discursos sobre as vivências dos sujeitos gays “maduros” no espaço do ABC Bailão, é pertinente compreendermos o campo teórico que dará sustentação a esse estudo, que é a Análise de Discurso onde buscamos nos ancorar para assim compreendermos o funcionamento da linguagem na sociedade e focando no discurso como o efeito de sentidos entre locutores. As cenas do documentário trazem sujeitos que caminham pela cidade e ao realizarem seus percursos é realizada a narração de suas experiências. Por meio do documentário, pode-se compreender que o ABC Bailão como um local que busca se estabelecer em um espaço que demarca a resistência e os conflitos gays, acolhendo um público específico e fiel, o público gay considerado “maduro”.

Introdução

O presente estudo analisa os discursos presentes no “Documentário Gay - ABC Bailão” que foram produzidos por frequentadores da danceteria ABC Bailão, localizada na cidade de São Paulo.

A cidade pode ser descrita como um conjunto de espaços que traduzem diferentes sentidos que se produzem e são postos em funcionamento a partir de seus usos e, sobretudo, a partir do perfil do público que usufrui do espaço urbano. Nesta reflexão, nos propomos a focar a atenção na cidade de São Paulo, conhecida como a grande metrópole do Brasil, e, de modo mais específico, voltamos nosso olhar para um espaço que é permeado por diferentes sentidos. Trata-se da danceteria *ABC Bailão*.

Vale ressaltar aqui que nossa inquietação foi ao encontro de uma danceteria localizada em São Paulo, conhecida por suas boates que comportam diferentes tipos de

público, mas, pode-se inferir o questionamento: A escolha seria devida ao público frequentador: homens gays e “maduros”? Pode ser que sim e estendemos nossas colocações quando refletimos acerca dos espaços que os gays ocupam no tecido urbano. Isso se faz necessário, pois compreendemos que esses lugares são significados por aqueles que frequentam/ocupam e por aqueles que não tem relação concreta de nenhuma ordem e que produzem mesmo assim, certos estereótipos geradores de preconceitos. Evidenciamos assim, que notamos a existência de uma disputa de sentidos na compreensão/significação desses locais.

Este estudo, na contramão do imaginário social sobre as baladas gays, analisa o ABC Bailão por ser um espaço que acolhe os gays considerados “maduros”, ou seja, sujeitos com mais de cinquenta anos que se reúnem para divertirem-se, beber e celebrar a vida e a amizade.

O ABC Bailão no espaço urbano

O ABC Bailão situa-se na Rua Marques de Itu, próximo à Praça da República, no centro da cidade de São Paulo – essa é considerada como uma região gay paulistana, devido às casas noturnas, bares, lojas voltadas ao público gay e também por servir como um ponto de encontro desse público dentro da cidade.

A Praça da República constitui-se com um ponto de convergência de encontros, pois no entrono da praça encontram-se diversas casas noturnas e boates destinadas ao público gay, como a *Cantho*, a *Freedom Club*, *Danger Dance Club*. É uma delas é o ABC Bailão, nosso objeto de estudo. Cerqueira descreve que

O ABC Bailão, situado na Rua Marquês de Itu, no centro de São Paulo existe desde 1997 e surgiu com a expansão dos bares e casas noturnas dirigidas ao público GLS na cidade. Os donos da casa realizavam, na década de 90, bailes gays em diversos locais de São Paulo, até fixarem-se no Salão Americam Graffiti e darem início ao baile “Amigos Bailam Comigo”, que dá a sigla a nome da atual casa, ABC Bailão (CERQUEIRA et all, 2011, p. 86).

Podemos compreender que o público gay teve uma expansão nas opções de entretenimento noturno na década de 90 na cidade paulistana. O sujeito gay pode estabelecer

uma nova relação com a cidade, ao perceber que a oferta de ambientes para seu lazer se diversificou. Conforme Orlandi nos aponta

A cidade tem assim seu corpo significativo. E tem nele suas formas. O rap, a poesia urbana, a música, os grafites, pichações, inscrições, outdoors, painéis, rodas de conversas, vendedores de coisa-alguma, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos (2004, p. 31).

O tecido urbano materializa-se por uma intensa trama social, em que as diferenças se encontram e se desencontram (r)existindo. Compreendemos o espaço do ABC Bailão como uma forma do discurso urbano, sendo que o sujeito gay busca locais como esse para conhecer pessoas e encontrar amigos. Notamos que diferentes significações são produzidas para este local, uma vez que é frequentado por munícipes e também pessoas de outros estados. Este, é também significado por pessoas que não frequentam o espaço, mas de alguma maneira, o significam.

Percebemos assim o ABC Bailão como um local que busca se estabelecer em um local que demarca a resistência e os conflitos gays, mas que existe e comporta um público específico e fiel, o público gay considerado “maduro”.

O documentário: Os sujeitos e seus sentidos com o baile.

O documentário “ABC Bailão em SP” disponível na plataforma do Youtube narra a relação de cinco sujeitos com o espaço denominado ABC Bailão. Compreendemos que se constituem e circulam discursos sobre o baile, oportunizando estabelecer um panorama de repletos de sentidos.

Para dedicar-se no exercício analítico do documentário foi preciso dispô-lo em recortes, constituídos pela captura das imagens. Juntamente com a transcrição das falas dos sujeitos que narram suas vivências, histórias, lembranças durante o documentário, procedemos com gestos de descrição e interpretação, assim colocamos que nosso corpus, abrange o verbal e o não-verbal.

Souza nos diz que

A não co-relação com o verbal, porém não descarta o fato de que a imagem pode ser lida. Propriedades com a representatividade, garantida pela

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

referencialidade, sustentam, por um lado, a possibilidade de leitura da imagem e, por outro, reafirmam o seu status de linguagem (2001, p. 70).

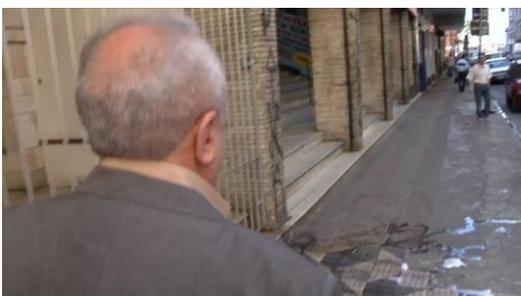
Atentos à essa perspectiva teórica, a leitura de imagens se formula não pautada na linearidade que rege a leitura de um texto verbal, marcado pela ordem de esquerda para a direita, de cima para a baixo, como uma sequência fixa, cristalizada.

Nos discursos não-verbais a referência de leitura é ampla e assim, pode ser norteadada pelo olhar do analista diante de seu objeto. Não é um ponto específico, que rege a leitura, mas cada interpretação será desencadeada conforme aquilo o afeta, que desperta sua atenção. Nisto, optamos em selecionar as cenas que trazem a relação do sujeito com o espaço.

Costa nos orienta que “a imagem só significa a partir da remissão às suas condições históricas de produção de sentido; a partir da exterioridade que a constitui. Só é possível explicitar o discurso materializado na imagem a partir da análise de suas discursividades”(2012, p. 299).

As cenas do documentário trazem sujeitos que caminham pela cidade e ao realizarem seus percursos é feita a narração de suas experiências. Não é realizada uma entrevista em que o sujeito fica frente a câmera respondendo à perguntas. Não existe a escolha na posição da câmera em relação aos sujeitos partícipes, expondo a relação de poder, pois esse sujeito pode caminhar pela cidade, se constituir como cidadão comum pela cidade, buscando um espaço que acolha e que sinta acolhido.

A)



B)



C)



D)



E)



F)



Saindo do âmbito noturno para as ruas de São Paulo em pleno dia, o recorte A, mostra uma cena que reporta em primeiro plano um senhor de costas que caminha na calçada. Ocupar a rua é um gesto político, como cidadão, como indivíduo, evidenciando a busca pelos seus objetivos, o que possibilita o direcionamento e compreensão da liberdade de ir e vir. A luz do dia traz a revelação, tudo é visto, a visibilidade percorre as ruas, você pode ver e ser visto enquanto caminha, enquanto se direciona ao local onde pretende chegar.

Rua, lugar de todos, sem distinção. No recorte B, a cena mostra que o homem realiza uma escolha e adentra um estabelecimento. A câmera captura suas costas e a fachada do lugar que irá entrar. Junto a essa cena, é narrado: - *“A primeira vez que fui ao cinema, que aconteceu alguma coisa comigo, foi no Cine Piratininga”*.

A tomada de decisão em ir ao cinema põe em evidência o poder de escolha dos clientes, sujeitos distintos em suas especificidades. O Cine Piratininga foi o maior cinema do Brasil, se constituiu como um lugar de sociabilidade e no famoso “escurinho do cinema” que toques e afetos eram materializados, como na fala supracitada. O homem do documentário, que não é identificado, adentra o cinema, com se pode ver no recorte C.

Se dirige à a bilheteria e compra seu ingresso. Os anúncios na parede rosa são de filmes pornô. Muitas salas de cinema se tornaram espaço de exibição de filmes adultos no centro de São Paulo. Já no recorte D, o mesmo sujeito está adentrando a cortina purpura, que é a barreira entre o íntimo e o público, ele sai do seu lugar de intimidade e privacidade para o que é escondido pela cortina. O adentrar sugere um sentido político de conhecer os filmes, vivenciar novamente/aflorar sua sexualidade, reviver memórias.

Ao narrar que o cinema foi espaço do descobrir sua sexualidade, como vemos em sua descrição: *“Eu sentei lá, e senti que de repente eu percebi que sentou alguém do meu lado, mas eu não me toquei, eu não ‘tava’ ali para caçar, eu era novo”*. O senhor justifica sua postura com a pouca idade que possuía, evidenciada no enunciado: *“eu era novo”*, mostrando que ainda não era “maduro” o suficiente para entender o que ocorrera. Alegando ser novo, não conhecer, não estava ali para conhecer alguém, procurar alguém, onde vemos que a palavra “caçar” se sobressai. Quem caça? Quem é mais experiente? Nesse sentido, os inexperientes “ainda novos”, viram a caça, nessas localidades?

O toque não esperado, o faz assustar. A atitude de fugir materializa que o ocorrerá não condiz com sua vivência, até então. Assim, com relação ao que é dito, vemos que

O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro [...] As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinado, pelo já dito (ORLANDI, 2015, p. 41).

Inscrito em uma formação discursiva, o senhor traz dizeres que remetem ao conhecer o outro, nesse caso, gay e estabelecer o contato. O contato provoca estranhamento, pois se constitui como algo novo e inesperado por parte de quem o recebe.

Já no recorte E, na cena a câmera foca seu rosto, como uma forma de autoconhecimento, aceitação de si e da situação. Auto consciência do indivíduo que é, daquilo que ocorreu ao longo de sua história e que o trouxe até onde está. Neste momento, a voz que narra, apresenta os seguintes dizeres: *“Não é que eu não esperei, que aquilo me agrediu e não agrediu. Eu não ‘tava’ esperando, eu me assustei, eu ‘tava’ distraído”*. O narrador condiciona a si, níveis de relação com a situação através dos enunciados e das

denegações: “não esperei”, “não agrediu”, e das justificativas: “me assustei”, “tava distraído”. A situação impacta aos espectadores diante da situação, que formula sua relação com o ocorrido, sua reação descrita para ser compreendida. Cada palavra realiza, demonstra uma ação/pensamento se estabelecendo, se conectando com o ocorrido.

A narrativa continua trazendo a fala do senhor que se estende: - *“Foi bom que eu comecei a perceber que não era eu sozinho no mundo que tinha interesse por homem. Não fui eu a aberração da humanidade e que sim existia um núcleo, mas era um núcleo tão escondido que eu tinha que procurar que era”*. Ao narrar o sujeito se constitui, se significa e traz à tona lembranças muito peculiares, ligando seus sentimentos no momento ao depoimento dado. Orlandi nos lembra que “a narratividade é a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados” (2017, p. 30).

Os dizeres acionaram sentidos ao sujeito, ou seja, o ato de narrar, descrever, rememorar suas vivências, suas lutas, suas resistências indica o processo de significação para si e para o mundo, através de seu testemunho, constitui-se a forma que esse sujeito se viu, se vê hoje e como estabelecerá a relação com o mundo e com a sua sexualidade. Pois é nesta relação sujeito/mundo que a linguagem se realiza, sendo condição fundamental à materialidade do discurso.

Quando o senhor coloca que: - *“Foi bom que eu comecei a perceber que não era eu sozinho no mundo”* demonstra a significação de si sendo exteriorizada, melhor percebida, como se o sujeito conseguisse se localizar em uma sociedade na qual se sentia diferente, como quem sabe talvez, não existissem muitos iguais à ele, compartilhando dos mesmos desejos, da mesma opção. Ao trazer o adjetivo “*bom*” é notado como aquilo teve um sentido positivo, como percebeu a presença e onisciência da existência do outro, o que o exime de um processo solitário e torturante, de um limbo, pois se pautava em uma construção de si marcada pela negatividade por ser gay, ou pela desidentificação com uma situação, com a sua sexualidade, com a descoberta de si. Isso se deve ao contexto histórico em que vivia, em que imperava certa heteronormatividade. O homem deve agir de forma polida e correta, sendo um chefe de família, exemplo para seus filhos e um ser quase inabalável e inviolável, moldando um perfil fixo, cristalizado e qualquer

intervenção fora deste parâmetro reproduzido gerava a frustração e abatimento, além da exclusão dos tidos como “diferentes”.

Vemos a memória discursiva em funcionamento ao enunciar a palavra “aberração”. Com Orlandi compreendemos que a memória discursiva é

O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando as tomadas da palavra. Interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (2015, p. 29).

Tal palavra apresenta resquícios de cunho religioso e moral, levando o interlocutor/espectador a refletir e dependendo da sua posição-sujeito, muitos sentidos podem ser produzidos. Ao falar em aberração, o enunciador pode estar já direcionando sentido pejorativo e diminutivo, apontando defeito, horrorosidade, algo com o qual não se pode conviver. A repetição do enunciado transporta toda uma bagagem enunciativa do peso moral cristão e tradicionalista, que esse sujeito entrelaça em sua narrativa, parte da reprodução da sua memória. Compreendemos aí, que o enunciado “aberração” pode também ser alguma formulação negativa que circulou em alguns momentos de sua vida.

O close nos olhos do senhor no recorte F, evidencia emoções que suas expressões faciais apresentam enquanto o sujeito narra suas experiências e é possível observar a maneira com a qual ele toma para si a autoridade do discurso, como as “rédeas” da sua vida, no momento em que afirma que não estava sozinho, não era mais apenas um em um mundo tão grande. Talvez a experiência o tenha colocado diante do que era até então diferente e que foi o divisor de águas na sua história.

Frente a este contexto histórico o autoconhecer-se, formula-se na busca de outros que compartilhem dos mesmos interesses e das mesmas características. Porém, esse núcleo, como define, deve ser descoberto, achado, pois se encontra escondido, como se estivesse prestes a desabrochar, e aproprio-me da utilização da palavra desabrochar, pois talvez haja relação com o movimento da rosa em abrir-se. Enquanto fechada, não se pode imaginar quão bonita será, muitas vezes nem sua própria cor. Ao abrir-se o botão, vemos cores maravilhosas em sua especificidade, abertas à natureza, alimentando animais e nossos olhos com a existência, com a vida em suas nuances.

Ao articular o adverbio de quantidade “tão” ao enunciado “escondido” para se referir esse núcleo (de pessoas com as quais se identificasse), aciona que a sociedade não aceita, não permite, há uma condição moral/religiosa sobre as práticas homossexuais e para os gays. Há locais, há separações entre públicos e muitas vezes, quase “tribos”, onde os sujeitos com perspectivas, características e desejo em comum, se reúnem. Guerreiros da sobrevivência dos diferentes em suas especificidades, pois encontramos grupos variados na sociedade.

Outros recortes do documentário permitem problematizar a questão do corpo, já colocada de forma sucinta em análise anterior.

G)



H)



No recorte G é focado na cena a parte dos pés de dois homens sentados em um cinema, não há muita luz, é primado um espaço intimista e de mistério. O homem do lado esquerdo ao notar a presença de outro homem ao seu lado descruza as pernas. Aquele se aproxima. Talvez sentidos de permissão de estar junto de outro são corporificadas naquele momento, em um espaço público banhado pela penumbra. Pode-se dizer que ambos estão com sapatos de estilo social e calça, o que demonstra certa formalidade nas vestimentas dos sujeitos envolvidos nas cenas. A experiência do possível /impossível se concretiza. Não há falas, cumprimentos, só aproximação dos corpos. Identificação entre sujeitos por estarem em um mesmo lugar, com finalidades parecidas.

No recorte H, a cena evidencia o estar perto, o tocar, estar junto. Porém, protegidos na penumbra que envolve o local a todo o momento, pois o cinema proporciona essa escuridão, muitas coisas podem acontecer. Este elemento é o possibilitador dos encontros. Esse não ver e não ser visto à luz, permite o tocar, evidenciando um desejo que

publicamente não pode ser exposto em muitas situações. O primeiro plano evidencia os pés de dois homens, que caminharam pela cidade na busca de alguém para permitir o prazer, nem que seja um toque que permita sentir o outro, conhecer novas pessoas, viver momentos diferentes. Caminharam por caminhos diferentes, ou por caminhos iguais, tem um efêmero encontro, um rápido flerte e depois disso, caminham recosturando o tecido urbano, em que cada um segue a sua vida.

A relação dos corpos com o espaço do cinema articula o encontro, em que as mãos percorrem o corpo do outro sem denunciar aos demais quais desejos serão vivenciados, e o cinema, local em que são reproduzidos filmes e obras de diversos gêneros, é palco de uma pequena história, que pode ou não ser contada, que pode ou não ter um segundo capítulo, mas que aos poucos, consitui a grande história dos partícipes dessa trama.

O ato de enquadrar os pés denotando a aproximação expõe o anonimato, afinal, jamais seriam reconhecidos por seus pés, com sapatos e meias e apenas um pedaço da calça, mas estão ali, buscam viver a sua sexualidade devem se esconder, não se expor. O espaço cinema possibilita condições para esse encontro. Ocorre a suspensão do medo por alguns instantes, certeza da segurança, certeza do bem querer do outro, que ali é mais um que foi em busca de aventuras amorosas e as encontrou.

Orlandi nos diz que

Não há corpo que não esteja investido de sentidos e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais, assim como o modo pela qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos (2012a, p. 10).

Desta maneira, o corpo é subjetivado pelos preceitos e normas irradiados pelas instituições denominadas por Althusser (1970) como Aparelhos Ideológicos de Estado dando como exemplo: o aparelho religioso – religiões, o aparelho político: governos e governantes, o aparelho escolar, a mídia, entre outros em que é possível perceber a organização social representada com suas complexidades.

Aquele que quebra/rompe com esses ditames provoca o estranhamento, vai contra diversas normas e condutas que tais instituições acreditam ter e que acreditam vigorar para todas as instâncias da sociedade, não respeitam o limite do outro, das suas vontades pessoais e escolhas. Assim, alguns acreditam que devem se ocultar, estar esquivo a

qualque situação que o denuncie; e ocultar-se é uma das dinâmicas executadas pelos gays, pois na atualidade encontram-se desprotegidos e algumas vezes alvos de violências de todas as ordens, de morte e de abandono à própria sorte.

Corpos em movimento

O recorte I está em relação ao recorte J , mostrando que em alguns momentos na boate, a luz incide sobre os rostos e corpos dos sujeitos que frequentam o local, a proximidade dos corpos na pista de dança sugerem descontração e interação entre os dançarinos.

D)



J)



Deslizamento do escuro do cinema para a penumbra permeada pelas luzes do baile. O recorte I, dá um close nos pés de dois homens, demonstra movimento, dança, os corpos se encontram de forma livre, sem controle, não cerceamentos ou repressões, os indivíduos apenas dançam e interagem na pista, o espaço é tomado por eles. Não há um penumbra banhada no peso de ser descoberto e sim a penumbra repleta de luzes coloridas que permitem outro espaço, outra dinâmica. Antes corpos se moviam com gestos sutis e silenciosos, agora não, os corpos se percorrem o cenário de dança com a liberdade e movimentação que tanto almejavam. Ocorre a celebração de ser com outro ser a interferência da repressão ou intimidação. Ali eles podem apenas....ser.

A dança acontece, os corpos juntos bailam pelo espaço do ABC, embalados por um bolero que conduzia o encontro e os movimentos sincronizados. Os corpos neste lugar produzem outros sentidos. Orlandi aponta que “enquanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo que é um processo de significação, cuja

materilidade específica é o discurso” (2012b, p. 85). Então, podemos compreender, que no ABC Bailão outros discursos funcionam, outros sentidos são postos em evidê, uma vez que produzem uma ruptura daquilo que é imposto pelas instituições de ideologia dominante, que acreditam poder ditar como tudo dever ser.

Algumas considerações

Notando que o sujeito gay percorre a cidade em busca de vivenciar sua sexualidade, é possível perceber também que ele se depara com algumas limitações e opressões. O período diurno é marcado pela visibilidade, regida por uma moralidade sufocante, que desdobra na vigilância e controle dos corpos e gestos pelo social e pelas instituições. O sujeito gay se sente mais recuado. No período da noite ou em ambientes à meia luz, há mais liberdade, porém não é em qualquer lugar, visto que esse gay tem mais de cinquenta anos. Eis o ABC Bailão é percebido como um espaço que acolhe esse público. Espaço onde os corpos podem ser livres das restrições e opressões e simplesmente são conduzidos pelo movimento e pela dança. Ambiente que proporciona além do encontro entre duas pessoas, o encontro e convívio do público gay e a sua sociabilidade. O ABC Bailão é um espaço de identificação, e é percebido como forma/espaço de celebração da vida e da sexualidade tão reprimida no cotidiano.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 1970.
- CERQUEIRA, Monique Borba; (et al). Notas etnográficas sobre o envelhecimento na região central da cidade de São Paulo. **Memorialidades**, v. ano 8, p. 55-98, 2011.
- COSTA, G. C.. Movimentos de Câmera e de Sentidos em Falcão ? Meninos do Tráfico: Um Corpo Significante na Imagem. In: Telma Domingues da Silva; Tânia Clemente de Souza; Carmen Augustini. (Org.). **Imagens na Comunicação e Discurso**. 1ed.São Paulo: Annablume, 2012.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- _____. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **Discurso e Texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

_____. **Eu, Tu, Ele** – Discurso e real da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

_____. **Discurso em análise:** sujeito, sentido, ideologia. 2ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.

SOUZA, T. C. C.. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Rua** (UNICAMP), Campinas, SP, v. 7, p. 65-94, 2001.